

PREFÁCIO 2005 PARA ARMARINHO DE MIUDEZAS, LIVRO DE WALY SALOMÃO, LANÇADO PELA EDITORA ROCCO.

Hermano Vianna

Releio Armarinho de Miudezas a jato. Literalmente. Estou no avião, entre os aeroportos Tom Jobim e Confins. Recebi ontem o email da Marta, pedindo este texto. Pedido também para ontem. Isto é, anteontem. Fazendo as contas: estou dois dias atrasado. Tenho que escrever também voando.

Logo na decolagem: abri meu exemplar da primeira edição deste livro na página da dedicatória. "5/5/93. Para Hermano Vianna, o primeiro autógrafo para o primeiro fã, daquele que pertence ao seu fã-clubê." Brincadeira típica de Waly, que tinha mania de colocar os amigos em situações alegremente embaraçosas. O que ali existia da mais pura verdade: sempre fui fã sim, não dos primeiros mas dos maiores, e cada vez maior (sobretudo a cada novo livro). Por isso, certa vez, recusei o seu convite para um prefácio. Não me considerava à altura da tarefa. Não me achava capaz de acrescentar nada de importante aos poemas. Mas Armarinho de Miudezas não é exatamente um livro de poesias. Portanto: diante do pedido da Marta, não há escapatória. É proibido recusar. E nem adianta reclamar do pouco tempo para escrever. Ajoelho e rezo.

No Ars Poética - Operação Limpeza, poema que abre este livro, Waly decreta que saudade é "uma palavra a ser banida do uso corrente". Concordo. Em teoria. Na prática não posso deixar de sentir enorme saudade de Waly, tornada quase insuportável com a (re)leitura deste livro e dos novos textos desta nova edição. O mundo fica bem mais comportado, previsível e chato sem Waly. Mas não apenas faz falta o elemento provocador, agitador, excessivo. Faz falta o poeta rigoroso. E também o pensador inimigo da banalidade (sei que elogios póstumos soam fáceis ou ridículos - ao meu favor tenho a desculpa que falei tudo isso para ele vivo - disse mais: "você é o meu poeta contemporâneo preferido, escrevendo em qualquer língua"), incapaz de "trazer paper prontinho e bonitinho", mas mestre em bricolagens fascinantes de idéias das mais variadas procedências, colocando todas elas para trabalhar em outro regime, onde tudo ganha significados mais interessantes e complexos.

Seu método de exposição/criação de conceitos é descrito com clareza, e autoconsciência exemplar, na primeira página do livro sobre Hélio Oiticica (que Waly, como que pedindo licença para entrar num campo que ele acreditava ser seu domínio por títulos acadêmicos, chamou em outra dedicatória de "tese mixuruca", coisa que ele sabia muito bem que não era): "Um estilo enviesado é o que vou abusar aqui, uma conversa entrecortada igual ao labirinto das quebradas dos morros cariocas [...] Variedade de elementos e, principalmente, ambigüidade de tratamento.[...] Os materiais heteróclitos, multiformes, almejando um sentido esperto de forma." A coleção de textos reunidos em Armarinho de Miudezas produz esse "sentido esperto". O próprio título deste livro já entrega de bandeja o "labirinto das quebradas" característico do pensamento de Waly.

Todos os "fundamentos" desse pensamento podem ser encontrados neste Armarinho: Bahia, Olodum, Hélio Oiticica, a Semana de Arte Moderna, o Tropicalismo, Torquato Neto, José Celso (e nos textos incluídos nesta edição: Allen Ginsberg, Vladimir Maiacovski, João Cabral, os anos 70). Mas o conjunto forma uma estranha autobiografia intelectual, feita com fragmentos de vidas alheias, que só pode ser produzida por quem sabe muito bem que a memória uma antena e também uma ilha de edição não-linear, onde a principal ferramenta de organização - sempre reversível, mutante - é o cut and paste. "De cara me confesso irresponsável e desleal com a coerência e a linearidade": não é este o único caminho coerente com a física do caos do pensamento levado a sério? Nada é escrito para glorificar, para fazer a história oficial do melhor do avesso da civilização brasileira. O objetivo é sempre retirar o mofo da oficialização desses movimentos, lugares e personagens, revelando/reinstaurando o que existe de mais radical neles, o que ainda pode desestabilizar o conformismo, ou o pressentimento de que está tudo feito e acabado.

O texto sobre os anos 70 nomeia essa estratégia de "contradiscurso": no momento em que podia colher os dividendos da gentrificação (a palavra não existe no Aurélio, mas todo mundo deve saber o que é ou qual mal traz) da contracultura, Waly dispensa as homenagens e sai a procura não do fóssil, mas sim do míssil que ainda pode, a partir do que criou em seus "primeiros passos", detonar a acomodação de hoje. Portanto é também uma contra-história-cultural (não das mentalidades "rastaquëras", mas das que podem pontencializar a "busca tonta" pelo "mistério abissal das coisas") que aqui indica o caminho mais animado (o único possível para quem não é bobo) para o futuro. O futuro feito por nós "os filhos bastardos da história" e os "donos de um modo tosco de ser no mundo".

"Sem nostalgia": a palavra de ordem que abre o texto Velha Cartomante Setentona (a Semana de 22 segundo Waly, para nosso uso presente) ecoa o banimento da palavra saudade. E propõe a "fuga para frente" no lugar da busca do paraíso (mesmo moderno, mesmo contracultural) perdido. Catar no passado, com o cut and paste da memória, apenas aquilo que ilumina o que há de vital (a tal prova dos nove) acontecendo agora, o que sinaliza para a transformação criadora, anticonformista. É o que fez o Olodum ao transformar o Pelourinho de "sítio de suplício" no espaço para um terreiro de celebração da vida. É que faz Waly ao chamar de suprematista Neguinho do Samba, o diretor de bateria do bloco do Pelô. O que para outros observadores parecia apenas uma busca de raízes afro, o dono generoso deste Armarinho nos ensina ser espaço de insurreição modernista, fuga para o futuro pelo atalho aberto tanto pelo quadro branco de Maliévitch quanto pelo som negro dos tambores do Olodum.

Em Waly nada disso ficava da boca para fora. As idéias eram incorporadas à vida, e testadas na vida, para estabelecer quais eram seus verdadeiros limites e descobrir maneiras de ultrapassá-los, criando novas ordens/desordens. Lembro-me de ver Waly em cima de um trio elétrico como coordenador do carnaval de Salvador. Não é exagero: na sua "gestão" talvez tenham acontecido os melhores carnavais da história da cidade. Não estavam aprisionados no passado, mas sim eram portos de fuga para frente, para a reinvenção modernista da festa. Sorte de Waly de cuidar da festa no momento exato em que ela estava em ponto de ebulição? Coisas dessa magnitude nunca acontecem só por acaso. Waly soube intuir a grandeza do que estava acontecendo e conseguiu acelerar o processo (afinal não aprendemos na escola que poesia vem do grego "ação de fazer algo?"), não colocando cada coisa em seu lugar mas misturando as novidades. Os blocos afro, autorizados pelo coordenador do carnaval, puderam desfilar nas ruas dominadas pelos trios elétricos. Esse encontro possibilitou o nascimento de uma nova era para a cultura baiana. Era um poema de Waly sendo escrito por toda a multidão carnavalesca. Era a concretização - tudo ao mesmo tempo agora - do evangelho anarquista, exposto neste livro, que prega a "encruzilhada de sugestas", a vitória das interconexões.

Armarinho de Miudezas pode/deve ser lido então como um manual de combate contra a melancolia, o cinismo, o ceticismo, o amargor. Lição: como aproveitar o passado, fortalecer a memória, não para cultivar o que já era, mas para identificar as brechas que fornecem o mapa da fuga para a festa, para a frente, para a felicidade guerreira.